

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

## **De Chávez a Maduro: a Venezuela sob Ataque “Contra Antissistêmico”**

Charles Pennaforte<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo tem como objetivo fazer uma análise crítica das revoltas ocorridas na Venezuela no início de 2014. Nossa proposta é analisar tais acontecimentos através da perspectiva dos movimentos antissistêmicos de I. Wallerstein e que foi desenvolvida por nós em *Movimentos Antissistêmicos no Sistema-Mundo Contemporâneo: o Caso Venezuelano*. Abordamos também a influência dos EUA no apoio às revoltas promovidas pelas elites venezuelanas.

**Palavras-chave:** Venezuela, Chavismo, Movimentos Antissistêmicos, Bolivarianismo.

### **Abstract**

The article aims to make a criticism of revolts occurred in Venezuela in early 2014 analysis. Our proposal is to analyze these events from the perspective of antysystemic movements by I. Wallerstein and was developed by us in *Antysystemic Movements in Contemporary World System: the Venezuelan Case*. We also analyze the influence of the U.S. in supporting the uprisings promoted by Venezuelan elites.

**Keywords:** Venezuela, Chavism, Antysystemic Movements, Bolivarianism.

<sup>1</sup> Doutor em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de La Plata (Argentina). Diretor-geral do Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais (CENEGRI). Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq Movimentos Antissistêmicos e Relações Internacionais no Sistema-Mundo Contemporâneo da Universidade Paulista (UNIP). Coordenador do curso de Relações Internacionais da UNIP, campus Paraíso, São Paulo.

Recebido em 15/07/2014. Aprovado para publicação em 01/08/2014.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

**A**s tentativas de desestabilização do governo de Nicolás Maduro no início de 2014 não representaram necessariamente a “vontade” da população venezuelana. Ou melhor: representam, sim, os interesses de uma parcela pequena da população que desde o final dos anos 1990 viu encolher as suas regalias através de políticas sociais e econômicas que priorizaram as camadas sociais desfavorecidas. Vale lembrar que tal fato não se trata de uma “retórica pró-chavista”: são dados confirmados por vários organismos internacionais.

As elites venezuelanas, adeptas ao que poderíamos denominar de *american way of life style*, continuam em sua trajetória política de tentar reverter o processo iniciado no início do século XXI e que ainda encontra forte apoio por parte da população beneficiada pelas transformações ocorridas.

Logicamente que um processo que se pretende “revolucionário”, como o defendido pelo chavismo, não se consolida em uma ou duas décadas. E tais “transformações revolucionárias” são gestadas dentro do próprio “velho sistema” e conseqüentemente são carregadas de contradições.

O que ocorre na Venezuela desde 1998, tanto nos campos político e econômico quanto no social, é fruto de um processo dialético que ainda está em desenvolvimento e que ainda ocorrerá caso o modelo continue ou não em sua trajetória hegemônica através do chavismo.

O presente ensaio pretende fazer uma análise sucinta do governo antissistêmico venezuelano que teve início com Hugo Chávez e que agora está com Nicolás Maduro, sob ataque de setores conservadores venezuelanos que recebem apoio da atual potência sistêmica e da mesma mídia que sustenta o modelo em termos ideológicos.

Iniciaremos com uma visão do que e como se formaram os movimentos antissistêmicos a partir da elaboração de Immanuel Wallerstein. Logo depois identificaremos o caráter antissistêmico da Venezuela com a chegada de Hugo Chávez ao poder.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Abordaremos as formas de atuação “contra antissistêmica” da potência hegemônica para a desestabilização do regime venezuelano em associação com as elites que estão alijadas do processo decisório no estado venezuelano.

Finalmente, tentaremos propor algumas perspectivas para o atual processo.

## O Sistema-Mundo Moderno<sup>2</sup>: as Origens dos Movimentos Antissistêmicos segundo I. Wallerstein

Nos anos 1970, I. Wallerstein criou o termo “movimento antissistêmico” para aglutinar dois tipos de movimentos históricos e populares originados na segunda metade do século XIX, mas ao mesmo tempo rivais: os “sociais” e os “nacionais”<sup>3</sup>.

Os “movimentos sociais” estariam ligados aos partidos socialistas e aos sindicatos, cujo objetivo era acirrar as lutas de classes no interior de cada Estado. Os “movimentos nacionais”, por outro lado, estavam inseridos inicialmente na construção de Estados-nacionais como, por exemplo, o caso italiano (século XIX) e, mais à frente, no processo de descolonização no pós-guerra, cujo objetivo, por parte das nações africanas e asiáticas, era a busca pela independência em relação às Metrôpoles europeias.

Em *Antysystemic Movements*<sup>4</sup>, o autor afirma que os movimentos antissistêmicos haviam se organizado sob cinco aspectos até os anos 1960:

<sup>2</sup> A construção da ASM elaborada por Immanuel Wallerstein possui três influências importantes na sua constituição: a Escola dos *Annales*, o Marxismo e a Teoria da Dependência. Na sua explicação para o atual Sistema-Mundo, Wallerstein assinala que ele foi originado pela crise do sistema feudal e a ascensão da Europa Ocidental à supremacia entre 1450 e 1670. Sobre o Sistema-Mundo contemporâneo, Wallerstein explica que, “Um sistema-mundo não é o sistema do mundo, mas um sistema que é um mundo e que pode ser, e frequentemente tem sido localizado numa área menor que o globo inteiro. Uma análise de sistemas mundiais argumenta que as unidades da realidade social dentro das quais nós operamos, cujas regras nos restringem, são na maioria tais sistemas mundos”. (*Apud* Márcio Roberto Voigt. “A Análise dos sistemas-Mundo e a Política Internacional: uma Abordagem Alternativa das Teorias das Relações Internacionais”. *Textos de Economia*. Florianópolis, v. 10, nº 2, 110, jul/dez, 2007).

Sendo assim, o Capitalismo é compreendido como moderno sistema social, uma economia-mundo, que possui inúmeros centros políticos (Estados), que disputam a hegemonia do sistema.

<sup>3</sup> O Declínio do Poder Americano. Rio de Janeiro, Contraponto, p. 266, 2004.

<sup>4</sup> Arrighi, Giovanni et alli. *Antisystemic movements*. New York, Verso, 1989.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

“First, opposition to oppression has been a constant of the modern world-system. Nevertheless, before the middle of the nineteenth century this opposition was short-term and “spontaneous, and as such largely ineffectual at the level of the system. This innovation had important repercussions on the dynamic of the world capitalist system (...)”<sup>5</sup>.

Segundo Arrighi, Hopkins e Wallerstein, o primeiro aspecto seria a constatação que a opressão como forma de controle efetivo dos movimentos antissistêmicos foi perdendo sua eficácia no processo político do sistema-mundo capitalista no final do séc. XIX e início do séc. XX.

O aspecto pilar se fundou nos séculos XIX e XX, na perspectiva marxista do conflito entre classes sociais. Os movimentos sociais estariam dispostos a “substituir o capitalismo pelo socialismo”<sup>6</sup>.

O terceiro aspecto estava baseado na ideia de que os movimentos sociais controlariam os Estado. O quarto aspecto constituinte dos movimentos contra-hegemônicos ocorreriam em função da falência das políticas públicas nos Estados menos desenvolvidos, o antigo “Terceiro Mundo”<sup>7</sup>.

E, por fim, o quinto pilar: a inserção social das classes menos favorecidas dentro do próprio sistema não garantiu as condições mínimas de sobrevivência digna para essas pessoas. Todos os pilares seriam uma decorrência dos seguintes fatores:

“(a) a reduced capacity of First and Second World states to police the Third World;

(b) a reduced capacity of dominant status groups in core countries (older generations, males, “majorities”) to exploit/ exclude subordinate status groups (younger generations, females, “minorities”);

(c) a reduced capacity of managerial strata to enforce labor discipline in the workplace and associated global search for “safe heavens” of 3 such discipline;

---

<sup>5</sup> Ibidem, pp. 29-30.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ibidem, pp.103-106.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

(d) a reduced capacity of states to control their respective civil societies and associated crisis of “bourgeois” (...)”<sup>8</sup>.

Dentro de uma perspectiva macrossistêmica os países centrais não teriam a capacidade de auxiliar os países periféricos rumo ao crescimento econômico, ao mesmo tempo em que as elites dos países menos desenvolvidos, por outro lado, não reduziriam as tensões internas decorrentes das desigualdades sociais<sup>9</sup>. Ambos os movimentos, nacionais e sociais, entraram em crise no final da década de 1960.

A revolução mundial de 1968 foi um importante marco na configuração dos novos movimentos antissistêmicos, como afirma Wallerstein<sup>10</sup>. Os objetivos perseguidos pelos movimentos no período anterior (a revolução socialista, por exemplo), não ocorreram. Pelo contrário, demonstrou-se um processo de burocratização dos partidos socialistas e o afastamento destes dos ideais revolucionários em quase todo o mundo.

Os movimentos antissistêmicos “clássicos”, por assim dizer, seriam substituídos por uma nova perspectiva a partir de 1968. Para Wallerstein, surgiram quatro tentativas de movimentos antissistêmicos. Foram elas: os “maoísmos” entre 1960 e 1970, os “novos” movimentos sociais<sup>11</sup>, as organizações de defesa dos direitos humanos e, no final dos anos 1990, os movimentos antiglobalização.

Analisando este último movimento, os protestos ocorridos em Seattle, em 1999, na reunião da Organização Mundial de Comércio (OMC), tornaram-se um marco na construção de uma frente antissistêmica ao englobar sob uma única bandeira, os movimentos sociais de diversos matizes e, ao mesmo tempo, grupos de atuação local e transnacional.

O fator aglutinador era o combate ao neoliberalismo e seus efeitos sociais nefastos que atingiram vários países do mundo, da Europa à América Latina. Mesmo assim, cada grupo manteve as suas especificidades imediatas.

---

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> O Declínio do Poder Americano. Rio de Janeiro, Contraponto, p. 271, 2004.

<sup>11</sup> Verdes, ambientalistas, feministas, minorias raciais e étnicas. Ibidem, p. 272.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

A unificação dos movimentos sob a bandeira antineoliberal ocasionou a criação do Fórum Social Mundial (FSM), que contou com um grande número de participantes desde então. Contudo, o FSM ainda carece de pontos organizativos e estratégicos que tornem o combate aos efeitos do neoliberalismo mais eficaz<sup>12</sup>.

Para Wallerstein, estaríamos vivendo numa época de manifestações antissistêmicas como decorrência da expansão das contradições e tensões do capitalismo em escala mundial<sup>13</sup>. Dessa maneira, tais manifestações seriam os “movimentos de libertação nacional, insurgências, proletárias, resistências e desafios civilizacionais, contraculturas” [...]<sup>14</sup>.

O atual sistema-mundo passa, portanto, por um processo de transição em virtude da crise estrutural do capitalismo. Tal crise ocasionaria um período de “bifurcação e caos”<sup>15</sup>. Os movimentos antissistêmicos apontam, na atualidade, com objetivos bem direcionados e, neste aspecto, Carvalho coloca que:

Desta forma, é possível constatar, *a priori*, que os movimentos antissistêmicos englobam atualmente, uma série de manifestações anti-hegemônicas, numa luta incessante contra o capital e o modelo neoliberal, visando à busca de alternativas para a construção de uma nova estrutura social e uma redefinição na arena econômica e política<sup>16</sup>.

Os movimentos antissistêmicos, sejam eles de micro ou macro escalas, se deparam com um cenário de crise sistêmica e com uma realidade importante para a superação do atual sistema-mundo contemporâneo.

Se por um lado os grupos sociais se organizam ao redor de um “inimigo comum” como, por exemplo, o neoliberalismo ou a discriminação contra as minorias, podemos assinalar a

<sup>12</sup> Charles Pennaforte. Fragmentação e Resistência. Rio de Janeiro, E-Papers, pp. 69-70, 2003.

<sup>13</sup> Carvalho, Giane Alves de. Os movimentos antissistêmicos: conjuntura de lutas ou impasses políticos ideológicos? In: Mediações. UFSC, v. 13, p. 216, Jan/Jun e Jul/Dez, 2008.

<sup>14</sup> *Apud*, Op. Cit.

<sup>15</sup> O Declínio do Poder Americano. Op. cit., p. 276.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 216.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

existência em uma macro perspectiva de países que assumem uma postura também antissistêmica na arena internacional.

Em nosso trabalho *Movimentos Antissistêmicos no Sistema-Mundo Contemporâneo: o Caso Venezuelano* (2013), fizemos uma análise detalhada do papel antissistêmico da Venezuela chavista.

## A chegada de Hugo Chávez ao poder

Apontada como uma tradicional democracia estável<sup>17</sup> na América Latina, a Venezuela caminhou na direção da instabilidade política após o malogro das receitas neoliberais colocadas em prática no final do século XX.

A década de 1990 foi marcada pela “Apertura Petrolera” e pela “Gran Viraje” do presidente Carlos Andrés Pérez. Rafael Caldera e Teodoro Petkoff deram continuação ao processo com a chamada “Agenda Venezuela”<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Em seu excelente livro “Rethinng Venezuelan Politics”, Steve Ellner demonstra que o “paradigma venezuelano da democracia” não foi tão real assim. Tratou-se na realidade de um “mito” incentivado pelos acadêmicos tanto venezuelanos como norte-americanos. A estrutura política baseada na “partidocracia” favoreceu à diminuição dos conflitos entre as classes dirigentes criando um ambiente favorável de “respeito” à democracia.

<sup>18</sup> “La Apertura Petrolera’ fue, sin duda, la más importante de las fórmulas adoptadas durante la última década del siglo XX, para responder acríticamente a las exigencias y condiciones de la globalización neoliberal. Con ella se inició un proceso que transfirió del sector público al sector privado, fundamentalmente al capital transnacional, importantes actividades de la industria de los hidrocarburos en el país, que desde la nacionalización habían estado reservadas al Estado venezolano. Además, los pasos dados en esa dirección acarrearón muy elevados costos para el fisco nacional. Con la Apertura se avanzó hacia una profundización de la autonomía de PDVSA y sus filiales respecto al Estado, tratando de hacer de ella un Estado dentro del Estado. (...) Entre 1986 y 1987 se volvió al viejo régimen de concesiones, al iniciarse lo que se llamó la “Apertura Petrolera”, esta vez bajo la modalidad de convenios operativos y asociaciones estratégicas para reactivar campos, producir crudo, explotar gas natural costa afuera, explorar áreas prospectivas, crear empresas mixtas, competir libremente en los mercados petroleros, y explotar y comercializar el carbón. En 1992, la vieja PDVSA inició un proceso masivo de “tercerización” que ocasionó una pérdida, nunca antes vista, de la efectividad nacional para manejar la industria petrolera y terminó dejándola prácticamente en manos de compañías extranjeras”. “La Apertura petrolera: reprivatización del negocio”.

<[http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenuhist.tpl.html&newsid\\_obj\\_id=111&newsid\\_temas=13](http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenuhist.tpl.html&newsid_obj_id=111&newsid_temas=13)> Acessado em 27/11/2011.

Gran Viraje. (...) “es conocido el programa de ajustes elaborado por el gobierno de Carlos Andrés Pérez y anunciado oficialmente en febrero de 1989. Para muchos (...) este fue hecho a la medida de las *recetas* emanadas del Fondo Monetario Internacional y acordes con el así llamado Consenso de Washington”. Alejandro Maldonado Fermín. “Instituciones clave, producción y circulación de ideas (neo)liberales y programas de ajuste estructural en Venezuela, 1989-1998”.

<[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/grim\\_cult/Maldonado.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/grim_cult/Maldonado.pdf)> Acessado em 24/11/2011.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Carlos Andrés Pérez havia sido eleito em dezembro de 1988 com a proposta de “reviver” o “período de ouro” venezuelano dos anos 1960 e 1970. A perspectiva de melhoria econômica e social é que proporcionou a eleição de Pérez com mais de 56% dos votos válidos.

A situação econômica venezuelana no final da década de 1980, no entanto, estava caótica. Fuga de capitais, desemprego alto e inflação de 40% ao ano, compunham o quadro nada agradável do país.

Com o objetivo de obter o empréstimo de USD 4,5 bilhões do FMI e “salvar” o país no início de 1989, Carlos Andrés Pérez deu início às tradicionais medidas impostas pela instituição para viabilizá-lo: “(...) desvalorização da moeda, redução do gasto público e do crédito, liberalização dos preços, congelamento dos salários e aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade” (...) <sup>19</sup>.

Contudo, como já salientamos, o discurso eleitoral de Carlos Andrés Pérez havia sido bem diferente para a sociedade venezuelana. Como aponta Severo, isso ocorre por conta:

“Tudo se fez supostamente em nome da redução do déficit fiscal, do estímulo à entrada de capitais estrangeiros, à modernização da indústria nacional, maiores eficiência, produtividade e competitividade, redução da inflação e diminuição do desemprego. Puro verso semântico para dissimular o Consenso de Washington e apresentá-lo com a doçura de um canto de sereia” <sup>20</sup>.

No campo macroeconômico, o receituário neoliberal foi seguido à risca: redução do papel do Estado, privatizações de empresas e de setores estratégicos. Como exemplos, podemos apontar a Compañía Nacional de Teléfonos (Cantv), a Siderúrgica del Orinoco (Sidor), a Venezolana

---

Agenda Venezuela. (...) “es conocido el programa de ajustes elaborado por el gobierno de Carlos Andrés Pérez y anunciado oficialmente en febrero de 1989. Para muchos (...) este fue hecho a la medida de las *recetas* emanadas del Fondo Monetario Internacional y acordes con el así llamado Consenso de Washington”. Alejandro Maldonado Fermín. “Instituciones clave, producción y circulación de ideas (neo)liberales y programas de ajuste estructural en Venezuela, 1989-1998”.

<[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/grim\\_cult/Maldonado.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/grim_cult/Maldonado.pdf)> Acessado em 24/11/2011.

<sup>19</sup> Gilberto Maringoni. A Revolução Venezuelana. São Paulo, EDUSP, p. 70, 2004.

<sup>20</sup> Ibidem.



Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Internacional de Aviación S.A. (Viasa), instituições financeiras, centrais açucareiras, estaleiros navais e empresas do setor construção<sup>21</sup>.

Todo esse quadro de devastação econômica era totalmente anacrônico com a grande riqueza petrolífera da Venezuela. Nos anos 1970, os países produtores de petróleo enriqueceram com os elevados preços do barril, valorização ocorrida a partir de 1973 (primeiro choque do petróleo).

A tabela 1 demonstra o percurso econômico venezuelano entre a crise econômica dos anos 1980 e a adoção do neoliberalismo nos anos 1990. Os resultados foram terríveis para parcela da população venezuelana, mas garantiu ao capital internacional o retorno dos recursos investidos no país.

**Tabela 1: Alguns indicadores macroeconômicos (1979-1999)**

ANO	PIB milhões Bs. 1984	Crescimento (var. PIB)	Inflação <sup>1</sup> (var. IPC)	tipo de câmbio <sup>2</sup> (Bs./\$)	Reservas internac. milhões \$3
1979	494.942	1,50	12,83	4,30	8.819
1980	474.205	-4,19	22,89	4,30	8.885
1981	467.395	-1,44	15,94	4,30	11.409
1982	451.781	-3,34	8,52	4,30	11.624
1983	<b>420.099</b>	<b>-7,01</b>	<b>5,85</b>	<b>9,90</b>	<b>12.181</b>
1984	<b>410.067</b>	<b>-2,39</b>	<b>12,16</b>	<b>12,65</b>	<b>13.723</b>
1985	<b>415.349</b>	<b>1,29</b>	<b>11,40</b>	<b>14,40</b>	<b>12.341</b>
1986	<b>431.594</b>	<b>3,91</b>	<b>11,58</b>	<b>22,70</b>	<b>11.685</b>
1987	459.613	6,49	28,08	30,55	9.402
1988	477.564	3,91	29,46	39,30	6.555
1989	<b>460.813</b>	<b>-3,51</b>	<b>84,47</b>	<b>43,05</b>	<b>7.411</b>
1990	<b>492.170</b>	<b>6,80</b>	<b>40,66</b>	<b>50,58</b>	<b>11.759</b>
1991	<b>532.605</b>	<b>8,22</b>	<b>34,20</b>	<b>61,65</b>	<b>14.105</b>
1992	556.669	4,52	31,43	79,55	13.001
1993	558.202	0,28	38,12	106,00	12.656
1994	545.087	-2,35	60,82	170,00	11.507
1995	566.627	3,95	59,92	290,00	9.723
1996	<b>565.506</b>	<b>-0,20</b>	<b>99,87</b>	<b>476,50</b>	<b>15.229</b>
1997	<b>601.534</b>	<b>6,40</b>	<b>50,04</b>	<b>504,25</b>	<b>17.818</b>
1998	<b>600.878</b>	<b>-0,10</b>	<b>35,78</b>	<b>564,50</b>	<b>14.849</b>
1999	557.777	-7,20	23,56	655,25	15.030

Fonte: Maragrita López Maya. Luta hegemônica na Venezuela: a crise do puntofijismo e a ascensão de Hugo Chávez. Traduzido do original castelhano *Del Viernes Negro al Referendo Revocatorio*. 2ª ed. Caracas: Alfadil, 2005.

<sup>21</sup> Ibidem.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Uma grande contradição foi que, apesar de ter recebido USD 270 bilhões através da venda de petróleo entre 1976 e 1995, a dívida externa venezuelana saltou de USD 16,4 bilhões para USD 33,5 bilhões entre os anos de 1978 e 1983<sup>22</sup>, fato que decorreu dos desacertos econômicos dos governos.

A dinâmica neoliberal colocada em prática por Carlos Andrés Pérez só acentuou a crise econômica e social durante os anos 1990. Foram emblemáticos o Caracazo ou *Sacudón* de 1989 e os chamados levantes cívico-militares de 1992.

**Tabela 2: LARES EM SITUAÇÃO DE POBREZA (1980-1997)**

ANO	Nº de lares	% lares em Pobreza	% lares em pobreza extrema
1980	2.806.679	17,65	9,06
1981	2.880.084	22,82	10,71
1982	3.019.932	25,65	12,14
1983	3.130.682	32,65	14,95
1984	3.183.339	37,58	18,90
1985	3.211.477	34,77	16,60
1986	3.412.139	38,88	17,67
1987	3.541.504	38,84	16,61
1988	3.659.369	39,96	16,77
1989	3.821.954	44,44	20,07
1990	3.859.923	41,48	18,62
1991	3.914.165	35,37	16,01
1992	4.032.402	37,75	15,52
1993	4.190.519	41,37	16,81
1994	4.396.784	53,65	27,52
1995	4.396.354	48,20	22,95
1996	4.549.363	61,37	35,39
1997	4.468.445	48,33	27,66

Fonte: IESA, 2000. Maragrita López Maya. Luta hegemônica na Venezuela: a crise do puntofijismo e a ascensão de Hugo Chávez. Traduzido do original castelhano *Del Viernes Negro al Referendo Revocatorio*. 2ª ed. Caracas: Alfadil, 2005.

Rafael Caldera sucedeu Pérez, mas não conseguiu fugir dos marcos econômicos colocados em prática por seu antecessor<sup>23</sup>. A crise econômica continuou grave e atingia com maior

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> Em 1993, Carlos Andrés Pérez sofreu o impeachment em função da perda de apoio político gerada pela crise econômica e pelas denúncias de corrupção.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

intensidade a população mais pobre. Entre algumas soluções colocadas em prática por Caldera para salvar o país, tivemos: a desvalorização da moeda e o controle do câmbio e dos preços.

Como era esperado, a pobreza aumentou consideravelmente sob a dinâmica neoliberal. A tabela 2 demonstra a evolução da pobreza e da extrema pobreza venezuelana entre os anos 1980 e 1990. O quadro venezuelano nesse período demonstrava os efeitos do neoliberalismo sobre a população: o aumento acentuado da pobreza.

A tabela 3 mostra a situação do trabalho entre 1983 e a eleição de Hugo Chávez em 1998. Chama a atenção a queda da ocupação no setor público e o aumento do setor informal no período. A população foi direcionada para o subemprego como forma de manter a sua subsistência, apesar de que, em alguns anos, o crescimento do PIB apresentou forte aumento.

Em meio a uma situação de descalabro econômico e acirramento social, surge o coronel Hugo Chávez no cenário nacional ao comandar alguns militares no fracassado golpe militar em 02 de fevereiro de 1992. Segundo Chávez, seis mil militares participaram da tentativa com tanques e helicópteros. Ocorreram combates em Miraflores, Maracaibo, Valência e Maracay. O número de mortos oscilou entre 17 e 100 pessoas.

Quatro meses depois da tentativa de golpe, as pesquisas de opinião apontavam que quase 65% dos venezuelanos consideravam o coronel Hugo Chávez com uma “pessoa confiável”<sup>24</sup>.

Em 1995 a inflação alcançou 105% ano, algo inédito para a realidade venezuelana<sup>25</sup>. O final do governo de Rafael Caldera apresentava a maior recessão do setor petrolífero dos últimos 40 anos.

A Venezuela chegava, assim, ao fundo do poço. A economia e o descrédito com a classe política propiciaram o cenário para as transformações que iriam ocorrer no final dos anos 1990.

<sup>24</sup> Gilberto Maringoni. Op. cit., p. 96.

<sup>25</sup> Ibidem, p.105.

**Tabela 3: FORÇA DE TRABALHO (1983-1998)**

ANO	PEA	Desocupados % PEA	Setor público	Formal privado	Setor informal
			% ocupados	% ocupados	% ocupados
1983	5.407.292	10,30	22,67	36,03	41,30
1984	5.716.207	13,4	21,78	36,42	41,80
1985	5.915.573	12,1	20,18	39,52	40,30
1986	6.107.115	10,30	19,38	39,12	41,50
1987	6.321.344	8,50	18,86	42,44	38,70
1988	6.572.049	6,90	18,71	43,19	38,10
1989	6.900.588	9,60	19,68	40,62	39,70
1990	7.154.622	9,90	19,85	38,65	41,50
1991	7.417.929	8,70	19,07	40,43	40,50
1992	7.537.817	7,10	18,05	42,35	39,60
1993	7.546.241	6,30	16,80	42,60	40,60
1994	8.025.928	8,46	16,40	34,29	49,31
1995	8.608.653	10,22	17,57	33,99	48,44
1996	9.024.627	12,43	17,13	34,24	48,63
1997	9.507.125	10,65	16,96	35,57	47,47
1998	9.699.330	11,28	16,33	35,47	48,20

Fonte: IESA, 2000 e cálculos próprios para algumas porcentagens.

Maragrita López Maya. Luta hegemônica na Venezuela: a crise do puntofijismo e a ascensão de Hugo Chávez. Traduzido do original castelhano *Del Viernes Negro al Referendo Revocatorio*. 2ª ed. Caracas: Alfadil, 2005.

A eleição de Hugo Chávez como representante do descontentamento popular com a “velha política” venezuelana e sua consequente postura de liderar o processo de transformação social e econômica através de sua figura emblemática foram determinantes para a colocação em prática de seu projeto bolivariano.

A criação de um projeto político cuja finalidade foi inserir a grande parte da população venezuelana na arena política, através da transformação de uma democracia representativa para uma democracia participativa, foi o grande *optimum* alcançado. Os avanços sociais foram outro aspecto importante, que garantiram ao líder venezuelano o apoio popular necessário

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

para atacar politicamente as velhas elites e burocracia do país. A eliminação do analfabetismo<sup>26</sup>.

Quando da chegada de Chávez ao poder, em 1998, o país possuía 1.648 médicos para uma população de quase 23,5 milhões de habitantes. Em 2008, eram quase 20.000 médicos para 27 milhões de habitantes. Tal avanço ocorreu graças a programas de saúde em parceria com Cuba, a Missão Bairro Adentro<sup>27</sup>. Desde 1998 os gastos sociais subiram de 8,2 do PIB para 14% também em 2008. A pobreza caiu de 49% para 27,5%<sup>28</sup>. O relatório *Human Report 2013 – The Rise of the South: Human Progress in a Diverse World: Venezuela (Bolivarian Republic of)* apresentam bons dados sobre a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país em 1980 e 2012<sup>29</sup>.

Sob tal ponto de vista — maior participação popular, melhorias socioeconômicas — podemos colocar como bem-sucedido o projeto defendido chavista. Logicamente, o processo está em andamento.

O sucesso até a sua morte do projeto chavista deve ser analisado e compreendido dentro de uma perspectiva crítica e dialética da sociedade venezuelana durante a hegemonia neoliberal<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> Em 2005 a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) declarou a Venezuela país livre de analfabetismo. Isso ocorre quando o índice de analfabetismo fica baixo do 4%.

<sup>27</sup> Em 14 de dezembro de 2004, os governos venezuelano e cubano assinaram em Havana um convênio para profissionais cubanos para atuarem nas áreas pobres da Venezuelana. Entre outros assuntos estava a Missão Bairro Adentro que cederia 15 mil profissionais médicos para atuar na Missão e contribuir com a formação de médicos venezuelanos para o setor. Atensão Primária em Saúde na Venezuela: Missión Barrio Adentro I. Marco Aurélio Da Ros et ali. Ministério da Saúde/OPAS, 2008, p.47.

<sup>28</sup> Instituto americano CEPR, Washington. Relatório “A Economia Venezuelana nos anos de Chávez”, <http://hupomnemata.blogspot.com.br/2012/06/indicadores-sociais-mostram-o-avanco-da.html> Acesso em 14/06/2014;

<sup>29</sup> <http://hdr.undp.org/sites/default/files/Country-Profiles/VEN.pdf> Acesso em 30/06/2014.

<sup>30</sup> “Na prática, o chavismo é uma combinação entre princípios do nacional-desenvolvimentismo com mecanismos de democracia direta. Desta síntese, resultariam práticas e ações governamentais, tais quais, ênfase em programas sociais e políticas focalizadas, centralização, projetos de desenvolvimento endógeno, mecanismos de participação popular e fomento à integração latino-americana. Esta última, remontando a um passado mítico através do resgate da figura de Simón Bolívar e sua luta pela independência e união dos povos da América Latina”. Renata Peixoto de Oliveira. *Velhos fundamentos, novas estratégias? Petróleo, Democracia e a Política Externa de Hugo Chávez (1999-2010)*. Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, p. 24, 2010.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Como assinala Severo<sup>31</sup>, a crise da economia neoliberal venezuelana conduziu Hugo Chávez ao poder por:

“(...) em grande medida, Hugo Chávez ganhou as eleições de 1998 porque a Venezuela enfrentava sua mais catastrófica crise econômica, política, social, institucional e moral, depois de 40 anos de alternância no poder dos partidos Ação Democrática (social-democracia) e COPEI (democracia-cristã). O país e o povo agonizavam como efeito da corrupção, do desperdício e da perversidade da IV República (1958-98)”.

A conquista da hegemonia por Hugo Chávez tornou-se incontestável a partir de 2000, e pode ser explicada pela sua grande capacidade em suprir as demandas das camadas populares. Tal supremacia estaria alicerçada na formação e consolidação do seu bloco histórico com uma “nova classe social” dirigente antineoliberal e com amplo apoio popular através do desenvolvimento da revolução passiva<sup>32</sup>.

Maciel aborda o apoio que o presidente Chávez recebeu para fazer as reformas políticas na Venezuela, ao dizer que<sup>33</sup>:

“Na presidência, Chávez empreendeu reformas políticas que iam de encontro ao antigo sistema, pautadas na representação política através de partidos. Estas mudanças ocorreram de forma pacífica, com apoio popular e militar através de instrumentos democráticos e constitucionais. As transformações, obviamente, não se deram na ausência de conflitos, parecendo em certos momentos que a democracia entraria em colapso. Entretanto, esta situação é compreendida dentro do quadro de polarização social e política do país”.

<sup>31</sup> Venezuela: Petróleo semeando emancipação e crescimento econômico. Luciano Wexell Severo. <<http://www.voltairenet.org/article141468.html>>. Acessado em 23/05/2011.

<sup>32</sup> Conceito será desenvolvido mais à frente.

<sup>33</sup> Natalia Regina Maciel. Reforma Política e Política Externa na Venezuela: uma Ameaça à Segurança continental sob a Ótica Norte-Americana. In: Intellector. Rio de Janeiro, CENEGRI, Ano III, V. III, Nº 6, Janeiro/Junho de 2007, p. 5.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Poderíamos apontar como aspectos históricos importantes para a sua eleição, entre outros fatores, a falência do sistema político do país, alicerçado no Pacto de *Puntofijo*<sup>34</sup>, a corrupção endêmica e as elites econômicas insensíveis ao miserável quadro social.

Nesse contexto, o presidente Hugo Chávez soube capitanear os descontentamentos populares e assumir um projeto duplo — a “Revolução Bolivariana” — que tem como um objetivo claro o antiamericanismo, ao mesmo tempo em que propõe uma série de ações que aumentam a sua influência continental e internacional no plano externo. No plano interno, atua para a satisfação das camadas populares por intermédio de políticas públicas sociais de amplo alcance.

O grande objetivo de Chávez no plano político era superar o regime político que vigorou desde 1961 e que deu origem à chamada “partidocracia”, a qual ocasionou a divisão do poder entre a Ação Democrática (AD) e o Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI). Para isso deveria existir na Venezuela uma Democracia Participativa que superaria o predomínio das estruturas partidárias sobre a participação popular efetiva.

No âmbito interno, Hugo Chávez representou a contestação à tradicional hegemonia das elites venezuelanas conforme declara o sociólogo Antonio Plesmann<sup>35</sup>:

“A partir de 1999, uma nova elite assumiu o controle da maior parte das instituições do Estado venezuelano, com o objetivo claro de construir uma hegemonia alternativa àquela que existia há 40 anos. O discurso do governo Chávez mudou bastante nesta década, mas permaneceu uma constante: a necessidade de fazer da Venezuela um país igualitário. Trata-se não somente de ganhos no terreno material, ou seja, alcançar uma igualdade socioeconômica, mas

<sup>34</sup> O Pacto de Punto Fijo, segundo Maringoni, (...) “tinha a pretensão de reduzir as diferenças ideológicas e programáticas entre seus signatários e lançar as bases para uma convergência de interesses que tinha como ponto de apoio o domínio do aparelho de Estado. Na prática, ele se converteria, mais tarde, num acordo entre AD (Ação Democrática) e Copei (Comitê de Organização Política Eleitoral Independente) e um terceiro partido (...). O pacto representou um jeito de acomodar na partilha do poder as diversas frações da classe dominante, incluindo aí o capital financeiro, as empresas de petróleo, a cúpula do movimento sindical, a Igreja e as Forças Armadas”. (...) Op. cit., p. 62.

<sup>35</sup> “Participação popular aumentou na Venezuela, mas amigos do rei continuam se fartando, diz sociólogo”. 19/12/2008. <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/16430/www.derechos.org.ve>> Acessado em 02/01/2012.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

também da possibilidade para todos de participar na definição dos assuntos públicos, que é a igualdade política, e da valorização dos diversos estatutos sociais, ou seja, a igualdade cultural”.

## **A Participação Social na Venezuela Chavista**

Hugo Chávez atuou como um “líder carismático” a partir do momento em que soube catalisar o descontentamento de grande parte da população pobre do país que havia sofrido os efeitos do neoliberalismo na década de 1990. Até então, o movimento social venezuelano não havia conseguido efetivar os seus anseios através do velho sistema político do país (“partidocracia”).

Desta forma, acreditamos que a Venezuela esteve dentro de uma situação caracterizada de revolução passiva<sup>36</sup> e que estaria evoluindo para a construção de uma nova configuração do Estado e sociedade venezuelanos.

Após Hugo Chávez chegar ao poder, ele procurou atuar na construção de um bloco histórico com base na participação popular de grande espectro, através de um grande processo de transformação social.

Durante o período em que esteve vivo, Hugo Chávez desempenhou um papel *cesarista*<sup>37</sup> progressista. Colocamos tal posição em virtude do seu governo não ter feito concessões às

---

<sup>36</sup> Para Gramsci a revolução passiva seria uma decorrência da falta de participação de popular no processo de transformação social. Gramsci explicava este processo a partir de dois importantes princípios da ciência política: “(...) 1) nenhuma formação social desaparece enquanto as forças produtivas que nela se desenvolveram ainda encontrarem lugar para um novo movimento progressista; 2) a sociedade não se põe tarefas para cuja solução ainda não tenham germinado as condições necessárias, etc. Naturalmente, estes princípios devem ser, primeiro, desdobrados criticamente em toda a sua dimensão e depurados de todo resíduo de mecanicismo e fatalismo. Assim, devem ser referidos à descrição dos três momentos fundamentais em que se pode distinguir uma “situação” ou um equilíbrio de forças, com o máximo de valorização do segundo momento, ou equilíbrio das forças políticas e especialmente do terceiro momento, ou equilíbrio político militar”. (...) Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro, Civilização Brasileiro, 2002, pp.321-322.

Na verdade onde os movimentos sociais não dispuseram de forças de superação da ordem vigente através de lutas de amplo espectro como, por exemplo, revoluções, e tiveram que ser tutelados por líderes carismáticos, aí encontramos um exemplo de revolução passiva. Max Weber para as Ciências Sociais elaborou o tipo ideal de “dominação carismática”, uma forma especial de dominação que se legitima a partir de uma “devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória”. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, G. (org.). *Weber : Sociologia*. 7ª ed. São Paulo, Ática. pp. 134-135.



Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

tradicionais forças políticas sistêmicas venezuelanas. O tutelamento dos movimentos sociais, por outro lado, não ocorreria de maneira absoluta.

O governo Chávez incentiva a inserção da população no jogo e na vida política do país. São incontáveis as vezes em que a população foi chamada para participar das decisões políticas através de mecanismos de consulta popular. Sobre a participação popular no governo Chávez e as medidas tomadas pelo Palácio de Miraflores nesta direção, o sociólogo Antonio Plesmann<sup>38</sup> assinalou que:

“A Constituição de 1999 tem como objetivo principal reduzir a brecha entre o representante e o representado. Isso começa já na elaboração do próprio texto da Carta, que teve intervenção de movimentos sociais, acadêmicos, ONGs... Um processo inédito na América Latina. Paralelamente, o governo acabou com a criminalização dos movimentos sociais. As rádios comunitárias, que sempre existiram, cresceram muito durante a década, e são atualmente as mais numerosas do continente. Outro exemplo: a Venezuela tem hoje 5.920 Comitês de Terras Urbanas (CTUs), que lutam pelo direito à moradia nas favelas, e representam cerca de 4,7 milhões de pessoas. Desde o começo, esse governo entendeu que dependia da força política das bases. Essa percepção aumentou ainda mais depois do golpe de estado contra Chávez, em abril de 2002, quando o povo exigiu sua volta ao poder. O governo multiplicou medidas que expandiam a participação política popular. É o caso das missões sociais, que procuram eliminar o entrave tradicional da burocracia. O governo procurou também facilitar a

---

<sup>37</sup> “De acordo com a análise gramsciana, um exemplo típico de revolução passiva é o cesarismo: um homem forte intervém para resolver o impasse entre forças sociais equivalentes e opostas. Gramsci admitia a existência tanto de formas progressistas quanto reacionárias de cesarismo: progressistas, quando o governo forte preside um processo mais ordenado de criação de um novo estado; reacionárias, quando estabiliza o poder existente. Napoleão I foi um caso de cesarismo progressista, mas Napoleão III – o exemplo clássico de cesarismo reacionário – era mais representativo do tipo com maior probabilidade de surgir no decorrer de uma revolução passiva”. Além do cesarismo, a segunda característica mais importante da revolução passiva da Itália e o que Gramsci chamou de *transformismo*, exemplificado na política italiana por Giovanni Giolitti, que procurou fazer uma coalizão de interesses mais ampla possível e que dominou a cena política nos anos que precederam o fascismo”. (...) Cox, *apud* *Ibidem*, pp. 108-109.

<sup>38</sup> “Participação popular aumentou na Venezuela, mas amigos do rei continuam se fartando, diz sociólogo”. 19/12/2008. <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/16430>> Acessado em 02/01/2012.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

participação eleitoral dos mais pobres. Foram cadastradas milhões de pessoas que nunca tiveram direito a carteira de identidade, e milhares de colombianos refugiados receberam nacionalidade venezuelana, alguns já da terceira geração. O Conselho Nacional Eleitoral colocou mesas de voto nas favelas. Antes, para os pobres, era complicado demais votar. Pagavam caro o transporte e perdiam o dia para chegar até os centros de votação. Acabavam não indo votar, já que a Venezuela é um dos únicos países da América Latina onde o voto não é obrigatório”.

### **Atuação Antissistêmica a partir do binômio teoria-realidade**

O projeto chavista de inserção da Venezuela no sistema-mundo contemporâneo enfrenta inúmeros obstáculos, tanto de ordem interna como externa. Devemos reconhecer a grande habilidade política de Hugo Chávez na consolidação do seu poder desde o final dos anos 1990 até a sua morte, em 2013. Por outro lado, deve-se assinalar que a velha elite política venezuelana não teve a habilidade necessária em lidar com o “fenômeno Chávez”, optando por desacreditar o processo que estava ocorrendo no país e facilitando, de certo modo, a consolidação desse poder.

O golpe ocorrido em 2002, arquitetado pelos setores conservadores contra um governo eleito democraticamente, e a recusa em participar das eleições legislativas de 2005 por “falta de garantias democráticas”, favoreceram a supremacia política do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV)<sup>39</sup>, o partido chavista. Com a supremacia política, Chávez pôde atuar com

<sup>39</sup> Fundado em 2007, o PSUV consiste na fusão de partidos e grupos políticos e organizações sociais: o Movimento Quinta República (MVR), Unidade Popular Venezuelana (UPV), Movimento Eleitoral do Povo (MEP), Une Socialista, Movimento pela Democracia Direta, Frente Cívico- Militar Bolivariano, Independentes pela Comunidade Nacional (IPCN), União, Movimento Tupamaro de Venezuela, Movimento Independente Ganhamos Todos (MIGATO), A Corrente Marxista Revolucionária (CMR) e também partidos regionais como Abrebrecha, FIORP, LAGO. Ana Luiza Meirelles Paruolo et ali. In: As transformações na Democracia Venezuelana de 1999 a 2010 e as eleições legislativas de setembro de 2010. Cadernos do Tempo Presente. Rio de Janeiro, nº 3, ISSN 2179-2143. <[http://www.getempo.org/revistaget.asp?id\\_edicao=19&id\\_materia=72](http://www.getempo.org/revistaget.asp?id_edicao=19&id_materia=72)> Acesso em 02/06/2012.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

tranquilidade no desenvolvimento do projeto bolivariano. No âmbito interno o sucesso deste projeto estava intimamente ligado à manutenção do poder em sua figura pessoal no Palácio de Miraflores. A falta de outras lideranças de projeção nacional configura-se em um problema importante após a sua morte.

Outro aspecto importante é que apesar de Caracas atuar frontalmente contra as diretrizes políticas de Washington e do seu discurso anti-imperialista, as exportações de petróleo para o país se mantiveram intactas. Isso aponta para a realidade adversa encontrada pela Venezuela na dependência econômica com relação ao seu principal inimigo político e ideológico.

Os EUA são os principais compradores do petróleo cru pesado venezuelano<sup>40</sup> e têm capacidade de refiná-lo. Outro grande problema para o projeto bolivariano e antissistêmico é a baixa industrialização do país. Como atuar de maneira independente dentro do sistema-mundo quando não se possui os mecanismos que possibilitem isso?

Como decorrência de tais aspectos, a Venezuela procurou aumentar a sua influência continental e internacional de maneira mais enfática aliando ideologia e a construção de parcerias políticas e econômicas tanto com países latino-americanos como de outras partes do mundo. A diversificação dos laços econômicos é um importante componente para o desenvolvimento da atuação antissistêmica.

Durante grande parte dos seus mandatos Hugo Chávez procurou estabelecer relações diplomáticas e econômicas com países que estivessem no polo oposto às diretrizes da Casa Branca. Para ganhar projeção internacional compatível com o processo político-ideológico que estava desenvolvendo na Venezuela, Chávez procurou difundir sua atuação antissistêmica.

## **Um processo sob ataque permanente**

---

<sup>40</sup> Existem diferentes tipos de petróleo que são classificados de acordo com sua densidade. Esta classificação está ligada à relação entre a gravidade específica e fluxo de óleo em bruto em água. Esses fatores são medidos por graus API (American Petroleum Institute), a classificação universal dá uma indicação da viscosidade ou fluidez de cada óleo. Segundo essa classificação, o óleo pode ser leve ou extra-leve, médio, pesado ou extrapesado. O óleo extrapesado possui grau inferior aos 10º API e os extra-levos são superiores aos 30.1º API. Quanto mais pesados são os óleos crus, maior a necessidade de refinação, o que aumenta o seu custo. Na Venezuela existem diferentes tipos de petróleo extraídos de diferentes áreas do país: Furrial (Monagas), Zuata Doce (Anzoátegui), Merrey 16 (leste), Boscan (Monagas), Bachaquero e Tia Juana Heavy (Zulia). Existe a Franja Petrolífera do Orinoco com a presença de óleo pesado e extrapesado.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Quando um governo ousa e consegue se desenvolver de maneira antissistêmica, sofre as formas de atuação para que seu processo entre em colapso. Na história mundial<sup>41</sup> inúmeros países tentaram caminhar fora dos “trilhos” colocados pela atuação da força sistêmica. Para tais países que conseguiram a sua “autonomia” inicial, logo as “contradições” começam a surgir e não conseguem manter seu processo antissistêmico.

Eles sucumbem depois de uma ampla rede de atuação contra antissistêmica que engloba desde os tradicionais apoio a golpes políticos até os consagrados embargos econômicos.

Até a Guerra Fria apoios declarados a governos ditatoriais por parte de Washington foram a forma de atuação mais utilizada para impedir a chegada de governos “comunistas” em várias partes do mundo. O socialismo real seria a atuação antissistêmica das nações que procuravam sair do triste legado social do colonialismo. Com o fim do socialismo real e da bipolaridade ideológica, tal mecanismo começou a perder sentido.

Sendo assim, os tempos mudaram e atualmente a forma mais sutil de desestabilização é também a utilização da mídia em uma escala nunca vista antes para criar e/ou aumentar fatos políticos. A revolução da microeletrônica permitiu o acesso rápido não só à informação como também à criação e difusão de notícias.

Além é claro, do apoio de “líderes democráticos” (vinculados aos interesses sistêmicos) nos respectivos países classificados como “repressivos” segundo parâmetros ligados aos interesses dos EUA e da Europa. Países como Arábia Saudita ou Kuwait, por exemplo, sequer são citados pelo desrespeito aos Direitos Humanos ou a falta de eleições apesar de execuções sumárias, torturas etc.

A “nova forma” de atuação para provocar o enfraquecimento de governos que não fossem dóceis às potências sistêmicas teve a colaboração do professor da University of Massachusetts-Dartmouth, Gene Sharp. Sharp elaborou um livro que se tornou uma “cartilha” para a construção de “regimes democráticos” no pós-Guerra Fria para que os países se adequassem aos interesses estadunidenses e europeus. O *From Dictatorship to Democracy*, livro traduzido

---

<sup>41</sup> A atuação contra antissistêmica ocorreu, por exemplo, durante a bipolaridade ideológica quando países que estavam no processo de descolonização enfrentaram a força “contra antissistêmica”: Vietnã, Angola e Moçambique, Cuba é outro exemplo de forte atuação “contra antissistêmica”.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

para diversos idiomas do mundo, este livro prega a derrubada de governos, ou melhor, a implementação da “democracia” sem a utilização de violência, mas através de atividades de desestabilização que possibilitem a destruição da credibilidade interna e externa do governo “antidemocrático” (mesmo que ele tenha sido eleito pela população e com reconhecimento internacional de lisura) no poder. Porém, sem golpe de estado. Na prática, um *regime change* (mudança de regime).

Existem inúmeras organizações “pró-democracia” estadunidenses e europeias que financiam dezenas de atividades em todo o mundo com a finalidade de *regime change*. Entre elas temos o International Republican Institute (IRI), National Endowment for Democracy (NED), Export of Democracy, Open Society Fundation e a Freedom House. Além da CIA e USAID<sup>42</sup>.

Outra forma utilizada – não tão sutil – para provocar o *regime change* é a *cold war revolutionary*: destruir a estabilidade econômica e política com atos de subversão e insurreição gerando medidas violentas para serem “denunciadas” posteriormente como “uma reação desproporcional das autoridades e criando o seu descrédito<sup>43</sup>.

Tendo como aliada a mídia conservadora ligada aos interesses sistêmicos, são propaladas informações diárias criando condições favoráveis para possíveis intervenções, sanções econômicas e destituição do governo eleito. Geralmente existe uma “pararrealidade”: o que é divulgado na mídia internacional como o “caos social”, quando verificado *in loco*, nota-se uma intensidade muito menor.

A onda de protestos verificada na Venezuela nos primeiros meses de 2014 se enquadraram nesta perspectiva. Por mais que exista uma crise econômica no país, nada justificaria tal virulência nos protestos. A utilização da violência urbana<sup>44</sup> aqui no Brasil pela mídia sistêmica,

---

<sup>42</sup> Para ver uma análise detalhada da atuação dessas entidades e organizações na atualidade, ver Moniz Bandeira. O historiador faz uma análise da atuação das táticas de desestabilização utilizadas na atualidade, principalmente na Síria e na Líbia. Moniz utiliza fontes de jornais estadunidenses, ex-agentes da CIA, diplomatas, documentos oficiais etc. A Segunda Guerra Fria (2013). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p.89-100.

<sup>43</sup> Op. Cit., 107

<sup>44</sup> Apesar de ter a maior taxa de homicídios na América do Sul segundo o United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC) com 53,7 homicídios por 100 mil/hab (sem dúvida alguma muito alta), outros países também apresentam taxas elevadas como Colômbia com 30,8 e Brasil com 25,2, por exemplo. Contudo nenhum governo vem sofrendo tentativas de deposição pela oposição baseadas neste critério. Deslocando-se geograficamente para a América Central, Honduras possui uma taxa de homicídios de 90,4 por 100 mil/hab. 2014 Global Homicide Book UNODC.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

como argumento da falência do modelo chavista e explicar a “revolta popular”, não se sustenta para retirar um governante do poder.

Milhares de venezuelanos pobres são assassinados nas favelas venezuelanas e pouco incomodam tais mortes. Afinal, os pobres estão destinados a este “fim trágico”. Contudo, quando as vítimas fazem parte das classes abastadas, o “circuito da lógica” é alterado. Eles não são pobres, portanto devem viver mais.

O assassinato de uma Miss Venezuela chama mais a atenção do que uma chacina de pobres nas favelas venezuelanas. A morte da Miss Venezuela 2004, Monica Spears, em janeiro de 2014, causou uma comoção nacional. Mais do que lógico.

Como já salientado, as mortes ocorrem mais nas favelas do que nos bairros mais ricos, que contam com segurança própria e outras benesses inerentes à classe social à qual determinada faixa da população pertence. E como não poderia deixar de ser, a oposição procurou tirar frutos políticos deste discurso antiviolência<sup>45</sup>.

Ao contrário do que os derrotados nas últimas eleições venezuelanas sustentam, não foi apontado pelos organismos internacionais que estavam presentes às eleições indícios de fraudes. Outro grande mantra cantado pela oposição sistêmica.

O enfraquecimento da oposição venezuelana está mais ligado à falta de propostas concretas à sociedade do que a uma crise econômica. Até 1998, as elites venezuelanas comandaram o país e pouco fizeram para reverter o quadro de pobreza na Venezuela.

Na verdade uma parcela dos milhões de venezuelanos sempre viveu na “crise econômica” após o neoliberalismo: sem empregos, saúde e até mesmo papel higiênico. Para a grande maioria o que se verificou e se verifica é a melhoria de suas condições sociais. Se o “custo é elevado” ou não para o país, depende da filiação ideológica e/ou sistêmica do analista político ou econômico envolvido.

---

[http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/statistics/GSH2013/2014\\_GLOBAL\\_HOMICIDE\\_BOOK\\_web.pdf](http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/statistics/GSH2013/2014_GLOBAL_HOMICIDE_BOOK_web.pdf)  
Acesso em 10/05/2014

<sup>45</sup> Ver o excelente artigo sobre a violência, “*Violência na Venezuela: uma análise de Sangue*” de Juan Agulló, Rafael Rico Ríos y Dimitris Pantoulas.

<http://www.revistaforum.com.br/digital/131/violencia-na-venezuela-uma-analise-de-sangue/>  
Acesso em 14/06/2014.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

A oposição sistêmica venezuelana vem tentando há muito tempo reverter a perda da hegemonia para o bloco histórico chavista. Em uma breve recapitulação histórica, podemos lembrar o golpe militar apoiado pelos EUA em 2002 no qual foram derrotados. Depois, uma greve do petróleo que provocou sérios problemas econômicos. Também foram derrotados. Depois, tentaram reclamar a presidência em 2004 e em seguida, boicotaram as eleições para a Assembleia Nacional, sem motivos realmente palpáveis. Também foram derrotados.

Com a renúncia em participar das eleições legislativas em 2005, a oposição sistêmica venezuelana cometeu um grosseiro erro tático: permitiu a Hugo Chávez controlar com tranquilidade a Assembleia Nacional, ficando com a totalidade das cadeiras. Desde então, o trabalho da oposição vem se restringindo às poucas vitórias no âmbito provincial e à segunda colocação nas eleições presidenciais. E existe o desgaste natural que um regime possui ao ficar muito tempo no poder. A tendência ao longo do tempo é diminuição do apoio político.

O início de 2014 parece que marcou o “desespero” de uma parte mais radical da elite venezuelana em voltar ao poder: foi feita a opção pela desestabilização do regime chavista nos moldes do *regime change*. Com o apoio da mídia conservadora para criar “fatos” jornalísticos e a utilização da *cold war revolutionary*, Caracas conheceu dias de “revolução” sob os argumentos de “crise econômica, ditadura e desabastecimento”<sup>46</sup>. Washington prontamente passou a emitir opiniões de repulsa à situação venezuelana e conclamando o país à “volta à democracia”:

Quando se trata de Venezuela, John Kerry sabe de que lado da luta de classes ele está ligado. Na semana passada, quando ele estava deixando a cidade, o

<sup>46</sup> É muito interessante a matéria do repórter do The Guardian, Mark Weisbrot sobre a “rebelião popular” na Venezuela. “Essas pessoas não estão sofrendo - que estão vivendo muito bem. Sua renda tem crescido a um ritmo saudável desde que o governo Chávez tem o controle da indústria do petróleo, há uma década. Eles até tem um subsídio caro do governo: qualquer pessoa com um cartão de crédito (que exclui os pobres e milhões de pessoas que trabalham) tem direito a US\$ 3.000 por ano, em uma taxa de câmbio subsidiado. Eles podem então vender os dólares por 6 vezes o que foi pago, o que equivale a um subsídio de bilhões de dólares por ano para os privilegiados - mas são eles que estão fornecendo a base e as tropas da rebelião”. Nossa tradução do original: “These people are not hurting – they’re doing very well. Their income has grown at a healthy pace since the Chávez government got control of the oil industry a decade ago. They even get an expensive handout from the government: anyone with a credit card (which excludes the poor and millions of working people) is entitled to \$3,000 per year at a subsidized exchange rate. They can then sell the dollars for 6 times what they paid in what amounts to a multi-billion dollar annual subsidy for the privileged – yet it is they who are supplying the base and the troops of the rebellion”.

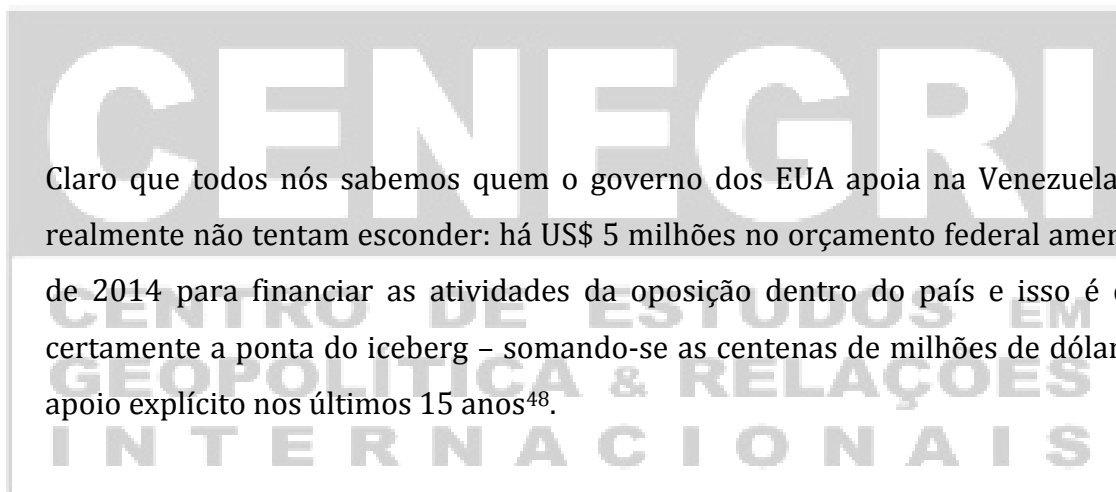
<http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/20/venezuela-revolt-truth-not-terror-campaign> Acesso em 01/05/2014.

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

secretário de Estado dos EUA aumentou o tiroteio na retórica contra o governo, acusando o presidente Nicolas Maduro de travar uma "campanha de terror contra seu próprio povo". Também Kerry ameaçou invocar a Carta Democrática Interamericana da OEA contra a Venezuela, bem como implementar sanções"<sup>47</sup>.

Declarações por parte dos EUA de defesa à Democracia soam como uma "joke" quando analisamos o apoio às ditaduras do Oriente Médio. O tempo da Guerra Fria acabou.

A prática do *regime change* na Venezuela continua na pauta do Departamento de Estado dos EUA:



Uma das principais críticas corretas ao chavismo e que colabora para a fragilidade do processo bolivariano é o país não ter conseguido diminuir a dependência das importações. A indústria venezuelana é praticamente incipiente, obrigando o país a comprar produtos do exterior para manter a oferta de produtos para a população. O que é produzido no país sofre a atuação pró-sistêmica dos empresários que diminuem a oferta de produtos, provocando o aumento dos preços e acelerando a inflação. A própria inserção de milhões de venezuelanos ao consumo também é um fator que colabora para o ciclo inflacionário: demanda em alta e baixa produção.

<sup>47</sup> Op. Cit. Nossa tradução. "When it comes to Venezuela, John Kerry knows which side of the class war he is on. Last week, just as I was leaving town, the US Secretary of State doubled down in his fusillade of rhetoric against the government, accusing President Nicolás Maduro of waging a "terror campaign against his own people". Kerry also threatened to invoke the Inter-American Democratic Charter of the OAS against Venezuela, as well as implementing sanctions".

<sup>48</sup> *The Guardian: Apoio dos EUA aos protestos na Venezuela é um erro*. Pragmatismo Político.20/02/2014 <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/guardian-apoio-dos-eua-aos-protestos-na-venezuela-e-um-erro.html#> Acesso em 09/05/2014



Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Outro aspecto que deve ser mencionado é que, antes do chavismo, a inflação venezuelana nunca foi baixa<sup>49</sup>. Contudo, os mais pobres eram os mais sacrificados sem a ajuda dos programas sociais.

A dependência das exportações petrolíferas ainda é a estrutura básica da Venezuela. Como atuar de maneira independente dentro do sistema-mundo quando não se possui os mecanismos que possibilitem isso?

## **À Guisa de Conclusão**

Qual o cenário pós-Chávez para a Venezuela? A prematura morte de Hugo Chávez adiantou o processo que deveria ocorrer mais adiante: a sua sucessão. Sem a sua presença quase onipresente na Venezuela desde 1998, o processo bolivariano está sob o ataque mais incisivo desde o golpe de 2002.

A incapacidade dos governos de Chávez em diminuir o atraso industrial foi o aspecto mais importante do seu período. A falta de preparação para a sua sucessão com candidatos que tivessem uma “empatia” com o seu eleitorado pode ser apontado como um “erro grosseiro”.

Tratando-se de um processo como “revolucionário”, tal como denominava Chávez, a “Revolução Bolivariana” não poderia ficar dependente de uma pessoa, de um único líder. O ex-líder venezuelano, ao ter relegado este processo ao segundo plano, pode ter criado sérios problema para a sua manutenção no longo prazo.

Do ponto de vista prático a oposição pró-sistêmica vai continuar a tentar subverter a ordem constitucional se aproveitando de todas as oportunidades possíveis. A Casa Branca fornecerá o apoio político para os grupos opositoristas (que o já possuem apoio financeiro há bastante tempo) na tentativa de desestabilização do governo bolivariano.

---

<sup>49</sup> A taxa de inflação de 56,2% (2013) é a quarta mais alta desde 1950, superado apenas pelos três do período 1994-1996, quando a crise financeira atingiu o governo de Rafael Caldera, e pelo de 1989, quando Carlos Andrés Pérez aplicou um severo ajuste econômico após uma perda maciça de reservas internacionais. Durante o governo de Jaime Lusinchi (1984-1989), a inflação anual subiu de 15,7% em 1984 para 40,3% em 1987, quando vigorava um rígido controle de preços. A inflação subiu para 46% em 1993 e 71% em 1994. A inflação atingiu 103% em 1996, baixando a 38% em 1997, 30% em 1998, após severos ajustes econômicos;

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Acreditamos que a inserção ainda maior das massas populares no processo político-institucional será a forma e dificultar as investidas pró-sistêmicas da oposição venezuelana e garantir os avanços sociais e econômicas alcançadas desde 1998. Aguardemos os próximos capítulos.

## **Bibliografia**

ARRIGHI, Giovanni et alli. *Antisystemics movements*. New York, Verso, 1989.

CARVALHO, Giane Alves de. Os movimentos antissistêmicos: conjuntura de lutas ou impasses políticos ideológicos? In: *Mediações*. UFSC, v. 13, Jan/Jun e Jul/Dez, 2008.

COHN, G. (org.). *Weber : Sociologia*. 7ª ed. São Paulo, Ática.

ELLNER, Steve. *Rethinng Venezuelan Politics*. London, Lynne Rienner Publishers, 2008

FERMÍN, Alejandro Maldonado. "Instituciones clave, producción y circulación de ideas (neo)liberales y programas de ajuste estructural en Venezuela, 1989-1998". <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/grim\\_cult/Maldonado.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/grim_cult/Maldonado.pdf)> Acessado em 24/11/2011.

GRASMCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileiro, 2002.

MACIEL, Natalia Regina. Reforma Política e Política Externa na Venezuela: uma Ameaça à Segurança continental sob a Ótica Norte-Americana. In: *Intellector*. Rio de Janeiro, CENEGRI, Ano III, V. III, Nº 6, Janeiro/Junho de 2007, p. 5.

MARINGONI, Gilberto. *A Revolução Venezuelana*. São Paulo, EDUSP, 2004.

MAYA, Margarita López. Luta hegemônica na Venezuela: a crise do puntofijismo e a ascensão de Hugo Chávez. Traduzido do original castelhano Paruolo *Del Viernes Negro al Referendo Revocatorio*. 2ª ed. Caracas: Alfadil, 2005.

MEIRELLES, Ana Luiza et ali. In: *As transformações na Democracia Venezuelana de 1999 a 2010 e as eleições legislativas de setembro de 2010*. Cadernos do Tempo Presente. Rio de Janeiro, nº 3, ISSN 2179-2143.

<[http://www.getempo.org/revistaget.asp?id\\_edicao=19&id\\_materia=72](http://www.getempo.org/revistaget.asp?id_edicao=19&id_materia=72)> Acesso em 02/06/2012.

Instituto americano CEPR, Washington. Relatório "A Economia Venezuelana nos anos de Chávez",

OLIVEIRA, Renata Peixoto de. *Velhos fundamentos, novas estratégias? Petróleo, Democracia e a Política Externa de Hugo Chávez (1999-2010)*. Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, p. 24, 2010.

PENNAFORTE, Charles. *Movimentos Antissistêmicos no Sistema-Mundo Contemporâneo: o caso venezuelano*. Rio de Janeiro, Cenegri Edições, 2013..

Ano XI	Volume XI	Nº 21	Julho/Dezembro 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

[www.revistaintellector.cenegri.org.br](http://www.revistaintellector.cenegri.org.br)

SEVERO. Luciano Wexell. Venezuela: Petróleo semeando emancipação e crescimento econômico. <<http://www.voltairenet.org/article141468.html>>. Acessado em 23/05/2011.

VOIGT, Márcio Roberto. “A Análise dos sistemas-Mundo e a Política Internacional: uma Abordagem Alternativa das Teorias das Relações Internacionais”. Textos de Economia. Florianópolis, v. 10, nº 2, 110, jul/dez, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. O Declínio do Poder Americano. Rio de Janeiro, Contraponto, p. 266, 2004.

#### ARTIGOS

<http://achadoseconomicos.blogosfera.uol.com.br/2013/03/06/sob-chavez-venezuela-reduziu-pobreza-enquanto-aumentou-divida/> acesso em 02/05/2014

*The truth about Venezuela: a revolt of the well-off, not a 'terror campaign'*

<http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/20/venezuela-revolt-truth-not-terror-campaign> acesso em 02/05/2014

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/guardian-apoio-dos-eua-aos-protestos-na-venezuela-e-um-erro.html#>

<http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/feb/18/venezuela-protests-us-support-regime-change-mistake> acesso 09/05/2010

CENEGRI  
CENTRO DE ESTUDOS EM  
GEOPOLÍTICA & RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS